

“A atitude e o brilho nos olhos é que contam”

É a rainha dos *castings*. Tem um olhar de lince para separar o trigo do joio e encontrar os rostos certos para os canalhas, heróis, sedutores ou mulheres fatais do cinema. E ainda canta e dirige uma escola

ENTREVISTA DE BERNARDO MENDONÇA E FOTOGRAFIAS DE LUIZ CARVALHO

Recebe-nos na sala do seu apartamento a poucos metros do Jardim das Amoreiras. Ouve-se Chopin tocado por Maria João Pires. Numa das paredes está a mulher do cinema que mais admira: Marilyn Monroe em “O Pecado Mora ao Lado”. Laura, a filha de sete anos, e o cão ‘Vasco’ vêm cumprimentar-nos. Patrícia está entusiasmada com a estreia do filme “Mistérios de Lisboa”, assinada pelo chileno Raúl Ruiz, a partir da obra de Camilo Castelo Branco, que recebeu a unanimidade da crítica e a Concha de Prata de Melhor Realização, no Festival de San Sebastián. Foi Patrícia quem sugeriu em *casting* todos os atores portugueses do filme ao realizador, como Al-

bano Jerónimo, Ricardo Pereira ou Maria João Bastos.

Aos 44 anos, Patrícia Vasconcelos, filha do realizador António-Pedro Vasconcelos, é quem manda nos *castings* nacionais para cinema. Revolucionou quando surgiu em 1989 a fazer algo que mais ninguém fazia: direção de *casting*. O seu olhar é certeiro, apurado, tem longo alcance. A maioria dos realizadores confiam-lhe a responsabilidade de traduzir os seus guiões em rostos e nomes. Mas Patrícia tem outras facetas, outras temperaturas. É também diretora da ACT, escola de atores direcionada para a TV e cinema, e cantora de jazz com um disco editado (“Se o Amor Fosse Só Isso”). Este ano realizou o seu primeiro documentário “O meu Raul”, sobre a vida de Raul Solnado. É daquelas pessoas que não se ficam pela



FORÇA PATRÍCIA VASCONCELOS VESTIU-SE COMO AS ESTRELAS QUE ADMIRA. AQUI FAZ DE RITA HAYWORTH EM "GILDA". FUMA UM CHARUTO EM HOMENAGEM AO SEU PAI





vontade. Atira-se de cabeça, movimentando mundos e faz. Nesta conversa, regada a chá de gengibre, aceita o desafio de se revelar um pouco mais. Patrícia, mulher de armas, de bastidores e de palco redescobriu-se depois dos 40 anos após aceitar o passado. É nos amores onde diz ter tudo para aprender... **É considerada a maior diretora de casting do país. Muitos atores começaram a sua carreira no grande ecrã e na TV porque foram um dia escolhidos num casting. Tem consciência da sua importância?** Pfff! Acho isso tudo... (pau-

sa) Se sou considerada a melhor? Há outros? Não. É fácil ser considerada a melhor quando sou a única.

Não é verdade. Existem outras pessoas a fazer castings para televisão, publicidade e cinema... Sou a única que vive apenas disto há dez anos. O meu ganha-pão, o meu paga a renda é exclusivamente o casting. Existem outras pessoas a fazer castings apenas pontualmente. São agências que trabalham praticamente só para publicidade. E que vão e vêm conforme o mercado. Não há um casting

director como eu a trabalhar para cinema. Por isso é fácil dizer que sou a melhor.

Isso é falsa modéstia? Não. Sou realista. Cada vez que faço um casting não descanso enquanto não sentir que o realizador está satisfeito. E só tenho essa sensação quando ele filma com o ator que eu lhe propus. *Never take it for granted!*

O que é concretamente o seu trabalho? Dão-me um guião de um filme para eu ler e eu proponho atores para cada personagem. Tenho que traduzir o sonho de um realiza-

TRISTEZA NESTA FOTO É RECRIADA UMA DAS POSES FAMOSAS DE MARILYN MONROE. A DIRETORA DE CASTING É FASCINADA PELA BELEZA DA ATRIZ E PELO SEU OLHAR "TRISTE E PROFUNDO"

dor numa cara. Tenho de ir ao encontro do seu desejo. A seleção é feita na minha cabeça. Quando estou a ler o guião, já estou a ver que pessoa encaixa bem em determinada personagem. Depois organizo os encontros entre os atores e o realizador.

Nunca lhe aconteceu sentir que se tinha enganado redondamente nos nomes que tinha proposto a um realizador? No dia em que me enganar redondamente mudo de profissão. Não me posso dar a esse luxo.

O que é essencial para se ser um bom ator?

Como separa o trigo do joio? Um bom ator deve ter inteligência, olhar, memória, sensibilidade e disponibilidade. Não é fácil traduzir.

Quem a conhece, vê-a como uma mulher do trabalho, da carreira, com uma agenda lotada. É uma mulher frenética? Sou muito ativa. Ando a mil. Consigo fazer três coisas ao mesmo tempo. Consigo mandar sms enquanto conduzo, o que é um perigo. Quero despachar serviço para poder ter tempo para mim. Porque sou preguiçosa.

Que tipo de criança era? Sempre fui uma miúda muito alegre, sociável e bem-disposta. Mas com um mundo muito próprio. Só há pouco tempo, refletindo sobre isso, percebi que era muito solitária. Fechei-me em mim.

Os seus pais separaram-se quando tinha seis meses. E a sua mãe volta a casar-se com Álvaro Guerra, escritor e diplomata (entretanto falecido). Aos 10 anos parte com eles para Belgrado, na ex-Jugoslávia. Que memórias desses tempos? Foi uma aventura. Vivemos num hotel durante mais de um ano. Tinha 350 quartos. E nós tínhamos o 7º andar só para nós. Convivia com os filhos dos embaixadores do Senegal. Eu os outros filhos dos embaixadores brincávamos na piscina no hotel ou às escondidas naquela imensidão de espaço. São memórias fantásticas. Comecei por comunicar por gestos.

Não era um ambiente demasiado fechado e elitista? Eu não tenho complicómetro. Nunca tive. Obviamente que se pensar um bocadinho mais fundo há aqui uma grande tristeza. A minha mãe conta-me que quando me dizia que me queria dar um beijinho, eu dizia que não, porque me fazia chorar. Era estoica. O meu passatempo preferido era fazer *puzzles*. Passava dias a fazê-los. Estava no meu mundo. Era obsessiva. Queria organizar.

Como olhava o mundo dos adultos? Era um ambiente de festa. De se arranjarem para saírem à noite porque tinham uns *cocktails* e

jantares. Às vezes acordavam-me a meio da noite porque tinham um jantar lá em casa de 13 pessoas, e como tinha faltado um dos convidados, lá ia a Patrícia meia a dormir para a mesa com o seu urso. E lembro-me do embaixador de Angola ter dado um pum. (risos)

Que relação tinha com o seu padrasto? Adorava-o. Vivi com ele desde que tinha um ano de idade. Aliás quando as pessoas me perguntavam pelo meu pai eu questionava sempre: Qual deles? Álvaro Guerra foi mesmo um pai para mim.

O seu pai não tinha ciúmes? Não. O que me aconchegava o coração é que eles gostavam um do outro.

Foi em Belgrado que teve o seu primeiro namorado? A primeira palavra de amor que disse foi em servo-croata (*ljubim te* — amo-te). E foi lá que perdi a virgindade, aos 16 anos.

Volta a partir com os seus pais aos 19 anos para o Zaire, em nova missão diplomática. Aí já me custou um bocadinho porque me obrigaram a cortar laços. Finalmente tinha criado amigos e tive de partir.

Revoltou-se? Não me lembro de ter exprimido esse meu desagrado. Custou-me. *But life goes on...*

Aos 19 anos começa a trabalhar como hospedeira de terra na Lufthansa e casa com um belga. Como aconteceu? Apaixonei-me. Foi uma belíssima história de amor. Quis ir viver com ele, mas o meu padrasto não deixou. Ele representava Portugal no Zaire e a filha do embaixador não podia viver em *concubinage*. **Como reagiu?** Fiquei desesperada. Lembro-me de ter chorado, chorado. A minha mãe entrou no meu quarto e disse-me: “Olha, casa-te. É só um papel”. Fiz uma enorme festa e casei com o Bruno, uma das pessoas mais extraordinárias que conheço.

Tempos depois os seus pais partem para a Índia, mas a Patrícia e o seu marido regressam a Portugal. E apanhei uma desilusão quando soube que a Lufthansa não me tinha aceite cá em Lisboa. Fiquei para morrer. Andei à procura de trabalho a responder a anúncios de jornal. Até começo a trabalhar em secretariado. Meti na cabeça que tinha de ser boa. Escrevi tantas cartas à máquina que sonhava com o teclado. E houve um dia que o Bruno me deixou uma carta linda na portaria do Fórum Picoas a dizer-me se que ia embora porque me estava a prender e a impedir de seguir com a minha vida. Foi um ato de amor lindo.

“Um bom ator deve ter inteligência, olhar, memória, sensibilidade e disponibilidade”

Quando regressa aos 23 anos oferece-se para trabalhar no guarda-roupa do filme “Aqui D’El Rei”, realizado pelo seu pai. É aí que descobre o mundo dos castings? Foi assim que tudo começou. O filme era de época, com muitos figurantes, numa co-produção francesa. E os franceses falavam muito de um tal de *casting*. Recordo-me de uma cena em que um figurante apenas tinha que abrir uma porta e entrar. Não dá para imaginar a quantidade de vezes que tiveram de repetir. Percebi que havia uma lacuna no mercado português. Ninguém fazia *castings*.

Durante a rodagem apaixonou-se por Nicholas Oulman (filho do compositor Alain Oulman) que viria a ser o pai de Thomas, o seu filho mais velho. Sim, ele era assistente de realização, por quem me apaixonei perdidamente e com quem comecei a viver.

Aproximaram-se por serem ambos filhos de pais famosos? Não. Eu sabia lá quem era o pai dele. Ele era muito giro de chapéu, aventureiro, com um charme inacreditável. Quando o pai dele morreu fomos para Paris durante uns meses. Como eu queria lançar-me profissionalmente comecei a investigar tudo sobre a palavra *casting*. A pesquisar fundo. A ver o que eu poderia fazer de novo. E havia um nome recorrente: Margot Capelier.

E foi falar com ela... Sim. Ela recebeu-me de meias rotas e pés descalços. Muito pequenina. Era uma figura que eu jamais na vida me vou esquecer. Identifico-me muito com ela, curiosamente.

Com essa velha senhora de meias rotas?

“Descobri que é maravilhoso o lado de *entertainer*. Percebi que gosto de estar em palco”

Sim. Porque isso não é importante. Ela estava numa fase criativa e o aspeto não importava, apenas o trabalho era importante. Eu estava nervosíssima. Suei como nunca suei na minha vida. Sabia que ela tinha começado no cinema mudo. Era a diva do *casting*. Sentei-me e ela perguntou-me. “Conheces o Luís Miguel Sintra?” Respondi-lhe que sim. “Conheces a Maria de Medeiros?” Disse-lhe que sim, também conhecia. “Tu conheces o...” Não me perguntem qual era o nome que ela disse, porque não sei. E ela rematou: primeira regra do *casting* tens de conhecer todos os atores. Levantou-se e foi-se embora. Só. Mas foi uma lição de vida. Foi aí que percebi que tinha de os conhecer a todos. Que tinha de ir ao teatro descobri-los. Que tinha de ter os seus nomes bem organizados em pastas. Não me podia faltar nenhum.

Quantos atores tem em pasta? É uma loucura total. Tenho um arquivo monstro com pastas e pastas de atores. Rondam os trinta mil. Entre profissionais e não profissionais. Isto porque após um *casting* estar feito e aprovado pelo realizador eu não posso dizer: “Bolas esqueci-me que o outro também dava”. Essa é que é a grande angústia no *casting*.

Onde descobre tantos atores? Vêm todos ter consigo? Vou desvendar uma coisa que se calhar a concorrência pode aproveitar, mas que se lixe. Vou muito ao teatro para ver os atores em cena. Quando descubro um ator novo que nunca tinha visto, pego no progra-

ma da peça, tomo nota do seu nome e escrevo umas notas sobre esse ator. E arquivo.

Vai muito ao teatro? Vou pelo menos duas vezes por semana. E adoro. Aprendi a gostar de teatro. (suspira) Também apanho muitas secas. Mesmo. No entanto, não me importo. É trabalho. Faz parte.

O facto de ser filha do António-Pedro Vasconcelos ajudou-a no início da sua carreira? Pelo contrário. Fechou-me imensas portas. Lembro-me de chegar de Paris cheia de entusiasmo e de ir bater à porta dos realizadores e eles: “Está bem miúda. A ver se um dia a gente te dá um trabalhito e tal.”

Então como conseguiu furar nesse meio? Sabe o que eu acho que foi? O meu poder de convicção. Eu acho que tenho isso. [Agarra numa almofada e abana-a] Se eu lhe disser que isto é muito bom você vai acreditar.

Esse poder não pode ser perigoso? Se tiver má fé. Eu não o uso no mau sentido...

Pode convencer um realizador que um ator é excelente, não o sendo? Não posso arriscar. Estou na expectativa até o realizador começar a filmar com o ator e dizer-me “Grande pinta. Foi mesmo uma boa ideia, obrigado”. E se um ator que eu propus e ‘vendi’ como bom chega ao pé do realizador sem estar preparado, sem ter estudado o texto eu fico furiosa e tiro-lhe o tapete. Sou exigente.

Há quem diga que é implacável... Podem dizer. E há quem diga que escolho sempre os mesmos. Outros dizem que não gostam de mim. É normal. Não agrado a toda a gente.

Tem mau feitio? Às vezes, sem querer, sou um bocadinho bruta. Sou tão efusiva que me saem coisas da boca para fora que eu não queria dizer. Isso faz-me aflição. É uma coisa que quero aprender a fazer diferente. Mas não sou cruel. Não gosto de magoar os outros. Incomoda-me muito.

O que a faz passar-se? O queixume e a inércia. Lido mal com isso. As pessoas têm de fazer pela vida. No outro dia houve um puto de 22 anos que me veio bater à porta a queixar-se que ia aos *castings* de publicidade e nunca era escolhido. Passava os dias sem fazer nada. Propus-lhe trabalhar a autoestima e disse-lhe: pega num papel e numa caneta e escreve o que queres da vida. Se daqui a cinco anos queres ser ator então tens de trabalhar para isso. Passas a ver um filme por dia, lês um livro todas as semanas, trabalhas um bocadinho o teu francês, inglês e espanhol, fazes desporto. Se não tiveres dinheiro para

o ginásio usa sacos de batatas unidos a um pau de uma vassoura e fazes levantamentos e flexões. Achas que o Marlon Brando ia ao ginásio? Faz com que as coisas aconteçam.

E o miúdo? Duas semanas depois ficou num anúncio. É a atitude e o brilho nos olhos que contam para tudo na vida.

Tem essa atitude na vida? Absolutamente.

Há dez anos fundou a ACT, a sua escola de atores. Qual o sentido de ter aberto uma nova escola, havendo já um conservatório de teatro. Que mais-valia? Achei que os atores que saíam do conservatório não sabiam estar em frente à câmara. Saíam do enquadramento, falavam demasiado alto, não eram naturais. Percebi que havia uma lacuna. Aí pensei: se 90% do trabalho atual são na TV e cinema frente a uma câmara, vou-lhes ensinar. E assim nasceu o projeto em parceria com a Elsa Valentim. Mas primeiro testei o mercado com um *workshop*. Teve 400 candidatos. Aceitámos 20. E olhem quais: Sofia Grilo, Inês Castelo Branco, Patrícia Tavares, Ana Brito e Cunha, Pêpê Rapazote. Aqueles que dão hoje a cara nas televisões.

Fê-lo também para criar um novo espaço para atores, e mesmo você, podem dar aulas? Claro que isso também é ótimo. Um dos meus grandes futuros projetos é aproveitar os atores desempregados, ou com pouco trabalho, para darem aulas na ACT.

Mas faz sentido num mercado artístico tão pequeno como o nosso lançar mais vinte atores por ano? Sim. A prova é que saem da ACT e começam de imediato a trabalhar. A taxa de sucesso está entre os 60% e os 75%. Ter mais do que 20 alunos por turma é que nem pensar. Podia aceitar mais, mas não o faço. A ACT é a antítese do negócio.

Como assim? Com certeza que dá dinheiro. Não. Nenhuma escola dá dinheiro com apenas vinte atores. Os alunos custam-me a mim mais do que pagam. Mas nunca abdicámos da qualidade. Temos tido alguns subsídios e arranjado formas de colocar o resto do dinheiro que falta. À custa do nosso trabalho.

Foi no dia do seu segundo casamento com André de Almeida [irmão de Joaquim de Almeida] que em jeito de declaração de amor cantou em público pela primeira vez. O que lhe deu? Apeteceu-me. Nunca tinha cantado. Apenas em miúda cheguei a cantar num programa de TV com o meu pai. Quis surpreender o André e contratei uns megamúsicos, preparei-me durante meses a ensaiar temas

ESPETÁCULO PATRÍCIA VASCONCELOS DESCOBRIU RECENTEMENTE O PRAZER DE SER ENTERTAINER. LIZA MINNELLI, EM "CABARET", REPRESENTA PARA ELA A PERSONIFICAÇÃO DO SHOWBIZ

clássicos de amor: "It had to be you", "Love is here to stay", "Isn't it a pity" e atuei para uma plateia de 300 convidados. Atirei-me sem pensar nas consequências.

Consta que o seu pai gostou de tal maneira da sua performance que o convidou a participar no seu filme "Os Imortais". Não me convidou de imediato. À sua boa maneira discreta, para me elogiar, disse-me apenas que eu tinha cantado um tema que ele estava a pensar utilizar no próximo filme. E eu conhecendo o meu pai, que é muito exigente, vi logo que ele poderia vir a convidar-me para o seu filme. Então decidi aprender a cantar e inscrevi-me no Hot Club, no curso livre. Há anos que já tinha aulas de voz mas nunca tinha sido com um propósito. Entretanto, já grávida da minha filha, o meu pai formalizou o convite: "Já que estás a estudar canto podias entrar no meu filme". E lá fui.

Em 2007 grava o seu primeiro disco de jazz "Se o amor fosse só isso", com letras do seu pai, e participação do rapper Sam the Kid e do Kalu dos Xutos e Pontapés. Como deu esse salto? Comecei primeiro a cantar no Speak Easy, o bar do Gil do Carmo. Não o conhecia. Mas como era o único bar de música ao vivo que existia em Lisboa fui ter com ele, apresentei-me e dei-lhe um CD com algumas versões minhas. Ficou marcada uma noite para eu atuar. Convidei a Lúcia Moniz e o Paulo Gonzo para cantarem um tema comigo e o músico Carlos Martins para tocar saxofone. Ensaiámos muito e na noite do espetáculo aquilo estava ao rubro. Foi uma noite mágica. Descobri que é maravilhoso o lado de *entertainer*.

Encontrou em si esse lado de performer? Sim. Percebi que gosto de estar em palco. É bom. Sempre fui um bocadinho 'palhaça'.

O seu pai conta que aos três anos a Patrícia cantava 'A Desfolhada' da Simone de Oliveira em cima da mesa... (risos) Mas depois não desenvolvi por aí. Nunca fui de ter sonhos e grandes desejos. A única coisa que eu desejei ser em miúda era bailarina, mas nunca expressei esse desejo aos meus pais. Portanto a vida levou-me para outro sítio.

Acha-se boa cantora? Porque é que gravou um disco? Foi sentir que gostava de dar. E que as pessoas gostavam de receber o que eu lhes dava. É uma adrenalina.

Julga mesmo que traz algo de novo para o jazz? Há críticas que dizem precisamente o contrário... Eu percebo. É verdade. O que é



trazer alguma coisa de novo dentro dos *standards* de jazz? Ou se consegue interpretar de uma maneira diferente. Que é um num milhão. Ou se tem um timbre singular, que não tenho. Não sou o género de cantora que chega à boca de cena e bota a boca no trombone e toda a gente diz "uau". Isso não vai acontecer comigo. Esquece. Aquilo que acho que estou a começar a trazer de novo é um conceito de espetáculo diferente. Através da música conto histórias e faço uma viagem pelo amor nas suas várias vertentes.

E tem curiosidade pela representação? Não tenho jeito nenhum para representar. Tudo o que seja ter outra pessoa a dizer-me o que eu tenho de fazer, não quero. Tenho uma personalidade demasiado forte. Gosto do canto, porque sou eu que dirijo.

Já fez a direção de casting para inúmeros fil-

mes do seu pai: "Jaime", "Imortais", "Call Girl" e "A Bela e O Paparazzo". Como é trabalhar com ele? Por vezes é complicado, discutimos. Talvez porque existe uma certa liberdade nele em se exprimir comigo.

Magoam-se? Isso não. Mas nem sempre é fácil chegarmos a acordo. Por exemplo no filme "A Bela e O Paparazzo" tive uma dificuldade imensa para convencer o meu pai que o Pedro Laginha era o ator ideal para interpretar o melhor amigo do protagonista. Insisti. Fizemos *casting* atrás de *casting*. Até que finalmente o meu pai disse: "OK, vou confiar em ti". Mas nem sempre consigo.

Fala muito pouco da sua mãe. Pois falo.

Têm uma boa relação? (pausa) A minha mãe vive fora de Lisboa. É uma pessoa hiperindependente e fortíssima. Onde entra sente-se a sua presença. Ela viveu muitos anos fora. E



“Acredito que se pedir algures ao universo uma coisa ela pode vir a acontecer”

quando eu me estava a desenvolver profissionalmente em Portugal ela não estava presente. Houve um afastamento. Quando voltou, eu tinha trinta e tal anos. E já não havia esse fio de ligação. Contudo, encontro em mim coisas iguais à minha mãe. Como o andar.

Há um período da sua vida mais complicado quando um ex-sócio seu lhe roubou a clientela da publicidade. Perdeu muito dinheiro?

Economicamente foi um de-sas-tre. Passei um péssimo bocado. Mesmo. Porque fiquei apenas com o mercado do cinema que não dá dinheiro nenhum. Eu ganhava muito bem e passei a não ter dinheiro para viver. Tive que rescindir contratos com as pessoas que trabalhavam comigo e pedir um empréstimo ao banco para lhes pagar. Passei mal. Mas aprendi muito.

Chegou a que ponto? É ter dois filhos e inventar histórias como jantar à luz da vela porque era giro, ou criar pratos à base de massa. E por orgulho não falava disso a ninguém. Nem à minha melhor amiga contei.

Foi-se abaixo? Sim. Foi muito duro. Chorava muito. Estava muito sozinha. Inconformada.

Tomou consciência do lado volátil da vida e da carreira? Aprendi imensas coisas. A cozinhar com pouco. A trabalhar sem secretária, a fazer tudo sozinha. E que o ideal era não ter cartões de crédito. Antes se queria jantar fora ia, se queria viajar, viajava. Não tinha consciência do dinheiro. Zero. Nunca ninguém me tinha ensinado que se ganhasse 100 tinha que pôr de parte 20. De repente, estava sem dinheiro.

Porque não partilhou o seu problema? Por achar que era a minha responsabilidade, o meu problema, e só eu devia resolvê-lo. Era

uma questão de orgulho.

Essa fase negra durou quanto tempo? Dois anos. Com divórcio à mistura. Mas aqui estou!

Aconteceu tudo em simultâneo? Uma chatice nunca vem só. Sinto que muita coisa mudou em mim que nunca mais voltará a acontecer da mesma maneira.

Não se assusta com a crise atual do país? Zero. É nestes momentos em que todos temos oportunidade de nos reinventarmos.

Todos os seus casamentos e uniões tiveram uma vida curta. O que tem falhado? Ainda não tive a sabedoria para ter uma relação duradoura. É difícil amar e construir. É preciso abdicar de muitas coisas. Eu ainda não sinto que possa parar.

Tem estado sempre tão focada no trabalho que os seus amores ficaram sempre para segundo plano? *Oh yeah!* Completamente. A vida profissional é o pilar da nossa vida.

Ainda acha isso? Claro!

Há quem tenha dois pilares: o profissional e o emocional. Pois. Mas eu emocionalmente não dependo de ninguém.

Isso não é necessariamente bom. Não sei se é bom. Se me perguntar o que quero para o meu futuro, eu digo que gostava de ter quarenta anos de casada. Amava. Ainda vou a

ESCOLA HÁ DEZ ANOS
PATRÍCIA FUNDOU A ACT,
UM EDIFÍCIO LOCALIZA-
DO NA LX FACTORY
ONDE ASPIRANTES A
ATORES APRENDEM
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO EM TV E CINEMA

tempo (risos).

Está a falar a sério? Sim. Mas nesta fase ainda não me apetece deixar de dedicar tanto à minha família e ao trabalho. Eu namoro muito. Nem lhe passa pela cabeça. É ótimo!

Já afirmou que não gosta de coabitar com os seus parceiros. O dia a dia desgasta. Perde-se o lado da sedução. Quero é namorar.

O fim do amor é uma fatalidade iminente? Não. Eu quero trabalhar sobre isso. Mas ainda não conheci nenhum caso que não fosse assim. Acho que o casamento deveria ser reinventado. O ideal é existirem duas casas e estarmos sempre juntos. Mas podendo ter a liberdade para dizer: "Hoje quero estar sozinha, mas gosto de ti, não me leves a mal." Eu ambiciono ainda encontrar um homem que saiba respeitar o meu silêncio.

Anda desencantada? De momento tenho colo e boa companhia. Mas os homens têm-me desiludido. Se não me derem luta não me dá gozo. (pausa) Eu apaixono-me por pessoas e não por sexos. Não quero com isto dizer que não seja heterossexual.

Coloca a hipótese de se apaixonar por uma mulher? Já quase me aconteceu. Mas não tive coragem de... Não sei explicar. É giro isto. Assumi para mim mesma que tinha sentido atração por uma mulher... Mas ainda não encontrei a minha cara metade. Ou, se calhar, já encontrei e desperdicei. Isso é que é uma grandessíssima probabilidade...

Agarra-se a quê quando está sozinha? À minha música. Ouço, canto, trabalho, passeio, vou ao cinema. Sou capaz de ir jantar fora sozinha. Observo as pessoas, bebo um copo de vinho. Estou bem comigo.

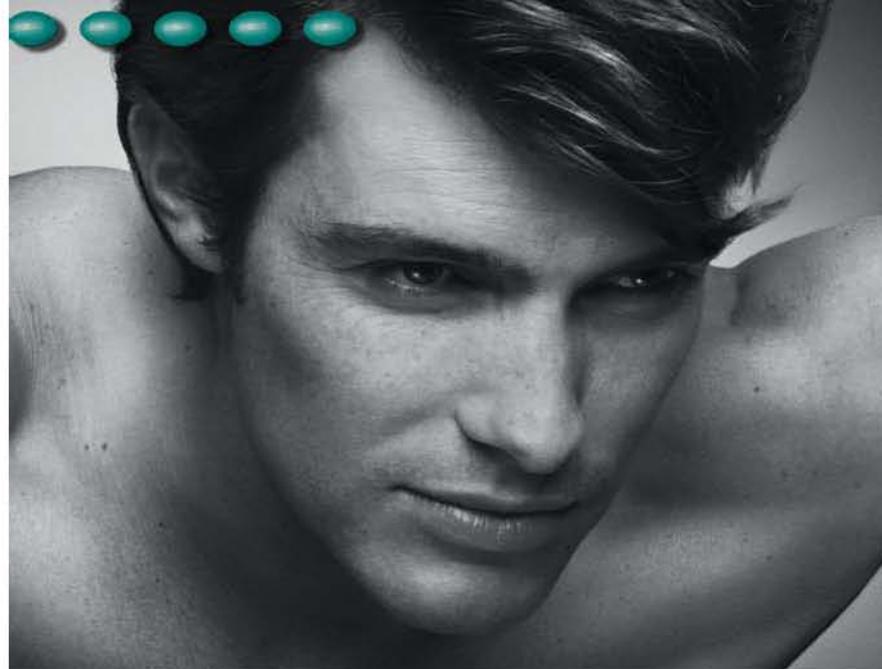
Quando falou da sua infância referiu uma tristeza latente. Ainda se sente assim? Sim. Contudo é uma tristeza que não me deprime. Às vezes estou triste. Não há nada que me anime. Quando me sinto assim tenho ataques de insegurança. Ponho tudo em causa. Se sou boa profissional, se sou boa mãe... Faz-me lembrar um par de brincos que o meu pai me ofereceu quando eu festejei os 33 anos. Um era um golfinho, outro uma estrela do mar. Diziam: és forte, és frágil. É exatamente isso. Sou forte e ao mesmo tempo frágil. Sou forte, mas basta uma palavra para me fragilizar.

De que é que tem medo? De falhar. Com os meus filhos, com os meus amigos, com o meu trabalho.

Como é a relação com os seus filhos? Falo

OS INVESTIGADORES NESTLÉ E L'ORÉAL INVENTAM
O FUTURO DO CUIDADO PARA HOMEM

innéov



innéov homme ANTIQUEDA

Concentrado nutricional, com Fitoesteróis de pinheiro, com eficácia medida clinicamente*:

- Após 8 semanas, redução significativa do processo da queda de cabelo.
- Após 16 semanas, 14% a mais de cabelo por cm².

Eficácia antiqueda percebida pelos homens:

- Exemplos de voluntários que notaram uma melhoria** da densidade capilar em auto-avaliação após 16 semanas:

Voluntário A: 38 anos.
Estado III de queda da escala de Hamilton.



Voluntário B: 38 anos.
Estado I de queda da escala de Hamilton.



Suplemento alimentar

* Estudo em 68 homens. Medidas realizadas por TrichoScan® sobre uma zona de 0.651 cm², a 2 cm do contorno das entradas.

** Melhoria confirmada em avaliação clínica e medida por TrichoScan®. Os resultados podem variar de pessoa para pessoa. Fotos não retocadas.



VEJA O VÍDEO
www.expresso.pt/
patriciavasconcelos

Patrícia escolhe personagens para sete figuras públicas



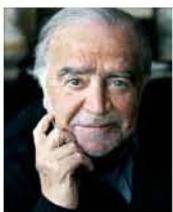
AL PACINO EM "O PADRINHO"

Caraná é reservado. Olhar misterioso, enigmático. Pode meter medo, mas atrai



AVA GARDNER

Canavilhas tem o olhar penetrante e sedutor de quem está a fazer um papel num filme que não é o seu. Ou seja, um *miscasting*...



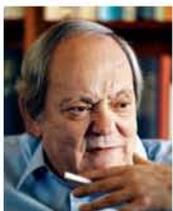
'LULA' DA SILVA

Num filme sobre 'Lula', Alegre seria o protagonista perfeito. Família política próxima, mas não a mesma, e são iguais!



DOROTHY DE "O FEITICEIRO DE OZ"

Dá vida ao genuíno e tradicional. Catarina Portas é corajosa, emprensadora e bonita.



MARLON BRANDO EM "APOCALYPSE NOW"

Vasco Pulido Valente tem a mania que é rebelde. Esconde um lado sensível



JAMES BOND

José Mourinho é estratega, sedutor, carismático, líder. Sabe manter um certo mistério. Não desvenda tudo e é convincente



KENNEDY

Porque Pais do Amaral tem classe, ar aristocrático, e um estilo de vida com um lado lúdico de quem sabe gozar a vida!

muito com eles. Adoro ser mãe. A Laura é uma criança muito especial, com uma personalidade vincada, ainda mais feminina do que eu. O Thomas tem a minha força e determinação. E é um miúdo que me dá muito trabalho. Lembro-me de uma grande amiga me ter dito que me iria lixar por deixar o puto perguntar o porquê de tudo. Nunca fui capaz de dizer não e pronto. Sempre lhe dei explicações. De tal forma eu o habituei a isso que ele contesta e argumenta tudo. É uma canseira. Hoje em dia tenho de dizer: "Acabou. A casa é minha, eu é que mando aqui e as regras são minhas". (risos)

Educar é difícil? Se é. Ter um filho com 18 anos torna tudo diferente. Supostamente já é adulto. Se ele cometer uma ilegalidade e for preso não me telefonam de imediato a mim. Confrontamo-nos muito. Ele critica-me a sério. É cruel, mas muito sincero. Isto é de tal forma que ando a planear publicar um livro com o meu filho, que será escrito por um *ghost writer* porque não sei escrever. Deverá chamar-se "Porque é que não me avisaram? Afinal tudo começa aos 18". Será a minha versão da história e a versão do meu filho a comentarmos as mesmas situações, na mesma casa. Porque não imaginam o que nós os dois estamos a passar. Uff! Mas assumimos isso.

O Thomas cresceu afastado do pai, como aconteceu consigo. Sim, é verdade. Foram nove anos de distância. Quando me divorciei, o pai dele partiu para os Estados Unidos estudar cinema. Custou a todos. A mim, ao Thomas, e ao pai. Mas o Thomas pode hoje dar graças a Deus de ter um pai e uma mãe.

No seu segundo casamento chegou a perder um bebé aos três meses de gravidez. Isso marcou-a? Foi uma dor. A Laura tinha um ano de idade. Estava a acabar de fazer um *casting* para um filme francês e senti que estava a sangrar. Quando cheguei ao hospital, fizeram-me uma eco e disseram-me "O seu bebé não está cá. Não oiço o seu coração a bater". Chorei tanto. Não consegui articular a frase "O bebé morreu". Senti-me nula como mulher porque não tinha conseguido gerar uma criança. Pôs-me em causa a minha feminilidade. Mas, sobretudo, acredito que não somos nós que escolhemos os nossos fi-

lhos. São os nossos filhos que nos escolhem a nós. Ele chamar-se-ia Elvis e julgo que a passagem que ele tinha de fazer por cá era esta. Às vezes, ele ainda passa por mim. Eu percebo que é ele, fico meio chorosa e pronto.

É religiosa? Sou bastante espiritual. Acredito que se pedir algures ao universo uma coisa ela pode vir a acontecer. Identifico-me com o hinduísmo. Já tive outras vidas.

Acredita mesmo nisso? Completamente. Já me vi. Eu era uma guerreira que estava na frente de combate e salvei muitas vidas.

E nesta vida tem algum desejo por concretizar? O que mais me apetecia agora era realizar um documentário sobre o comendador Rui Nabeiro — uma personagem genial, fascinante — e apresentar um programa de televisão chamado "O Bairro do Amor". Este último é um projeto que se baseia em levar pessoas a vários bairros lisboetas onde lhes são ensinados e incutidos gestos de solidariedade. Tão simples. É incutir o espírito de ajuda que existia antigamente.

Para esta entrevista vestiu-se com roupas inspiradas em estrelas de Hollywood. Porque é que aceitou este desafio? Foram mulheres marcantes que ficarão para sempre na história do cinema. Gostava tanto de ter vivido nos anos 40/50, o antes e o pós-guerra. Vivia-se o auge da feminilidade. E as pessoas lutavam mais pelos seus ideais.

Tem uma boa relação com o espelho? Ótima. Houve uma altura em que não encarava o espelho. Isso aconteceu no início dos anos 90. Andava a atirar muitas coisas para trás das costas que não sabia resolver, estados de alma, problemas. E um dia tinha um saco tão cheio que... [mete a mão no pescoço] comecei a ter ataques de pânico. Achei que ia morrer. Perdi o controlo. Resolvi isso com uma psicóloga que desmontou o *puzzle* da minha vida. Foi duro. Lembro-me de sair das consultas a dizer: "Ah! Eu era mais feliz quando não era consciente." E resolvi um dia enfrentar o espelho: "O que é que queres? Tens medo de quê?" Aprendi a viver de outra maneira. Pacífica com o passado.

Como imagina a sua velhice? Imagino-me a dirigir a escola ACT de bengala e a ser muito, muito chata. ■

bimendonca@expresso.impresa.pt

FICHA TÉCNICA: Produção — Miss Suzie; **Maquilhagem** — Paula Carmo; **Cabelos** — Samuel Rocher

AGRADECIMENTOS: Sílvia de Sá (Luzes); Cabaret Maxime; Maria Gonzaga; guarda-roupa lda, Ballet etc; Vestido azul por Ricardo Preto; Miss Suzie Guarda-roupa, Idéias e Afins; Alunos do 1º ano da Act.